



## Higidez do Meio Ambiente Laboral e Mal-Estar Docente: Uma Pesquisa de Campo em uma Instituição de Ensino Superior em Manaus

### *Soundness of the Occupational Environment and Teacher Malaise: A Field Study at a Higher Education Institution in Manaus*

**Sienna Cunha de Oliveira**

*Doutora em Ciências da Educação Universidade San Lorenzo (2024). Instituição: Secretaria de Educação do Amazonas (SEDUC-AM). Endereço: Manaus, Amazonas, Brasil.*

**Amauri Siqueira da Silva**

*Doutor em Ciências da Educação pela Universidade San Lorenzo (2018), reconhecido no Brasil pela Universidade de Uberaba. Instituição: AMAZONPOSGRADO Mestrado e Doutorado Internacional.*

**Resumo:** O presente estudo analisa o meio ambiente do trabalho docente em uma instituição pública de Ensino Superior na cidade de Manaus/AM, sob a ótica da higiene, prevenção e responsabilidade jurídica. A pesquisa, de natureza qualitativa e quantitativa, investigou as causas de absenteísmo e o surgimento de doenças ocupacionais decorrentes de um ambiente laboral inadequado. Os resultados demonstram um cenário crítico: 75% dos docentes relatam trabalhar mesmo doentes, 95% apresentam cansaço crônico e 80% enfrentam um ritmo de trabalho acelerado. Identificou-se a prevalência da Síndrome de Burnout, LER/DORT, distúrbios vocais e ansiedade, agravados por deficiências ergonômicas e ruído excessivo. Juridicamente, constatou-se a inobservância do inciso VIII do art. 200 da Constituição Federal de 1988 e a ausência de políticas preventivas institucionais. Conclui-se pela necessidade urgente de reconhecimento das patologias docentes como doenças do trabalho e pela responsabilização objetiva do Estado na promoção de um meio ambiente laboral equilibrado e hígido.

**Palavras-chave:** meio ambiente do trabalho; saúde docente; direito ambiental; ensino superior; Manaus.

**Abstract:** This study analyzes the teaching work environment in a public Higher Education institution in the city of Manaus/AM, from the perspective of healthiness, prevention, and legal responsibility. The research, both qualitative and quantitative, investigated the causes of absenteeism and the emergence of occupational diseases resulting from an inadequate work environment. The results demonstrate a critical scenario: 75% of teachers report working even when ill, 95% show chronic fatigue, and 80% face an accelerated work pace. The prevalence of Burnout Syndrome, RSI/WMSD, vocal disorders, and anxiety was identified, exacerbated by ergonomic deficiencies and excessive noise. Legally, it was found that item VIII of the art. 200 of the 1988 Federal Constitution is not observed, and there is a lack of institutional preventive policies. The study concludes that there is an urgent need to recognize teaching pathologies as occupational diseases and for the State's strict liability in promoting a balanced and healthy work environment.

**Keywords:** work environment; teacher health; environmental law; higher education; Manaus.

## INTRODUÇÃO

A universidade contemporânea consolida-se como o epicentro da produção de conhecimento e o motor primordial do desenvolvimento socioeconômico de uma nação. No entanto, sob a égide da busca pela excelência acadêmica e inovação tecnológica, oculta-se um cenário de crescente desgaste do capital humano que a sustenta. O presente estudo propõe uma análise crítica sobre o meio ambiente do trabalho docente no Ensino Superior, tomando como objeto central um estudo de caso realizado em uma instituição de ensino superior na cidade de Manaus/AM. A problemática reside na fragilidade da higidez ambiental e no impacto direto dessa precariedade na saúde biopsicossocial do professor, resultando em índices alarmantes de absenteísmo e adoecimento ocupacional.

O debate estrutura-se, inicialmente, na conexão entre a qualidade do ecossistema laboral e a dignidade da pessoa humana. Sob a ótica da Constituição Federal de 1988 (Art. 200, VIII), o conceito de meio ambiente do trabalho transcende a mera estrutura física, englobando as dimensões ergonômicas, psicológicas e relacionais. No magistério superior, a “intelectualização” do trabalho frequentemente silencia sintomas; a pressão por produtividade e a complexidade administrativa sobrepõem-se ao bem-estar, naturalizando o estresse em prol de metas institucionais.

Neste contexto, a pesquisa investiga o nexo de causalidade entre o ambiente degradado e o absenteísmo docente no cenário específico de Manaus. O afastamento laboral, aqui compreendido como consequência direta de patologias ocupacionais, atua como a face visível de um sistema em colapso. As particularidades regionais — que compreendem desde desafios climáticos e acústicos amazônicos até a superlotação das salas de aula — intensificam o nexo causal, manifestando-se em sintomas que variam de distúrbios vocais a quadros severos de ansiedade e depressão.

A relevância deste estudo é corroborada pelos dados coletados na pesquisa de campo local, que revelam um paradoxo: embora o corpo docente possua alta qualificação acadêmica, a infraestrutura funcional apresenta falhas graves. Indicadores de que 95% dos docentes relatam cansaço crônico e 75% admitem o presenteísmo (trabalhar mesmo doentes) evidenciam a precarização do cotidiano acadêmico e a prevalência de patologias como a Síndrome de Burnout e LER/DORT.

Diante da urgência deste diagnóstico, o estudo sustenta a necessidade de uma intervenção jurisdicional e administrativa robusta. É imperativo que o Estado e as instituições assumam a responsabilidade na manutenção da higidez ambiental. Através da análise do estudo de caso em Manaus, objetiva-se não apenas diagnosticar o mal-estar docente, mas propor um novo paradigma pedagógico e jurídico, fundamentado na premissa de que a sustentabilidade da educação superior é indissociável da saúde física e mental do professor.

## **RELAÇÃO ENTRE O MEIO AMBIENTE DE TRABALHO E CAUSAS DE ABSENTEÍSMO DOCENTE DE UMA INSTITUIÇÃO NO ENSINO SUPERIOR NA CIDADE DE MANAUS**

A presente investigação sistematiza as correlações entre o ecossistema laboral e os fatores que geram o absenteísmo no ensino superior, fenômeno complexo que resulta desde afastamentos temporários até a interrupção definitiva da carreira acadêmica. A descontinuidade da assiduidade atua como um indicador crítico de degradação do meio ambiente de trabalho, sinalizando a urgência de intervenções emergenciais e de uma revisão das políticas de proteção à saúde e de responsabilidade jurídica. O estudo foca na realidade de Manaus/AM, capital que concentra a maior densidade populacional da região, onde a gravidade do cenário exige um olhar atento sobre o bem-estar dos profissionais.

Para investigar essa relação em uma instituição pública local, o percurso metodológico compreendeu a revisão da literatura especializada e o mapeamento dos docentes para a aplicação de questionários estruturados a uma amostra de 430 professores. A análise desses dados permitiu explorar as patologias imersas no cotidiano acadêmico, culminando em uma síntese propositiva que reforça a necessidade de mudanças no meio ambiente laboral. A pesquisa une o rigor estatístico à urgência social, evidenciando que o absenteísmo é o reflexo visível de um sistema de ensino que opera sob severo mal-estar funcional.

### **A Revisão da Literatura Especializada Sobre o Conceito de Absenteísmo e suas Implicações**

É imperativo reconhecer que a ausência laboral docente é um fenômeno complexo e diversificado, podendo ser classificada conforme sua natureza: voluntária, compulsória ou legal. No entanto, ganham destaque as faltas decorrentes de patologias e doenças ocupacionais, que revelam o impacto direto do ambiente de trabalho na saúde do professor (Oliveira, 2026). Sob essa ótica, o absenteísmo deixa de ser um mero dado estatístico de produtividade para tornar-se um indicador sensível da (in)existência de dignidade nas instituições de ensino.

A descontinuidade da assiduidade no magistério superior deve ser interpretada como um indicador crítico para o profissional e para o Poder Público. A complexidade deste cenário exige uma revisão emergencial das políticas de saúde ocupacional, uma vez que a degradação do meio ambiente do trabalho tem conduzido os docentes a estados de “mal-estar” extremos, culminando no afastamento de suas funções.

### **Mapeamento dos Professores da IES**

A pesquisa teve como população os professores do nível superior da cidade de Manaus/Amazonas, de uma instituição pública que oferece, na atualidade, 112 cursos de graduação, dentre as áreas das Ciências: Agrárias, Biológicas, Exatas, Humanas e Sociais Aplicadas. No seu quadro funcional totalizam 1625 docentes,

com a seguinte formação acadêmica: 1001 doutores, 476 mestres, 116 especialistas e 32 graduados, sendo que todos eles são efetivos em regência de classe.

A presente pesquisa foi realizada com a amostra de 910 dos 1625 docentes pertencentes aos 112 cursos oferecidos nessa instituição de ensino superior escolhida. Desse quantitativo, apenas 430 professores participaram respondendo ao formulário da pesquisa, o que correspondeu a 47,30% da amostra pesquisada.

## METODOLOGIA

### Caracterização do Cenário e do Objeto de Estudo

O presente estudo, intitulado “Meio ambiente do trabalho do professor: análise dos danos, proteção, prevenção e responsabilidade jurídica em uma instituição pública de ensino superior na cidade de Manaus/Am”, foi desenvolvido na capital do estado do Amazonas. Manaus constitui o polo econômico e financeiro da Região Norte e abriga um ecossistema educacional composto por 19 Instituições de Ensino Superior (IES). A investigação delimitou-se a uma IES pública específica, que possui um corpo docente ativo de 1.625 profissionais distribuídos em 112 cursos de graduação, abrangendo as áreas de Ciências Agrárias, Biológicas, Exatas, Humanas e Sociais Aplicadas.

### Design experimental e abordagem metodológica

a pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa de natureza teórico-bibliográfica e empírica. A integração desses métodos permitiu uma compreensão holística do fenômeno: a vertente qualitativa dedicou-se ao exame aprofundado dos danos ambientais laborais na categoria docente, enquanto a quantitativa viabilizou a mensuração estatística das patologias ocupacionais incidentes. O percurso investigativo estruturou-se em cinco etapas fundamentais: Levantamento bibliográfico sobre meio ambiente do trabalho e absenteísmo; Mapeamento do quadro docente da IES; Definição do desenho metodológico integrado; Coleta e análise de dados via questionário estruturado; Formulação de sínteses reflexivas acerca da responsabilidade jurídica e do mal-estar docente.

### População, amostra e coleta de dados

O universo amostral compreendeu 910 professores dos 1.625 lotados na instituição, todos efetivos e em pleno exercício da regência. O perfil acadêmico da população total revela uma predominância de doutores (n=1001), seguidos por mestres (n=476), especialistas (n=116) e graduados (n=32). A amostra final foi constituída por 430 participantes que responderam integralmente ao instrumento, representando uma taxa de adesão de 47,30%. Para a coleta, utilizou-se um questionário digital via Google Forms, solução estratégica adotada tanto pela agilidade logística quanto pela necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia de COVID-19. O instrumento foi composto por 73 questões fechadas,

segmentadas em seis eixos temáticos: Eixo I: Dados sociodemográficos e perfil profissional; Eixo II: Condições ergonômicas laborais; Eixo III: Situação funcional docente; Eixo IV: Diagnóstico de doenças ocupacionais; Eixo V: Incidência de patologias específicas (Burnout, LER/DORT, distúrbios vocais e psíquicos); Eixo VI: Gestão de riscos, prevenção e ordenamento jurídico no meio ambiente do trabalho.

## Procedimentos de tratamento e análise de dados

os dados coletados foram tabulados e submetidos a uma análise descritiva, com os resultados expressos em percentuais e ilustrados por meio de figuras, quadros e tabelas para facilitar a interpretação dos contextos e eventos. O processo analítico envolveu a categorização das informações e o cruzamento com o referencial teórico estabelecido, culminando na verificação do cumprimento dos objetivos propostos e na proposição de diretrizes para a promoção de um ambiente de trabalho docente saudável e juridicamente protegido.

## Marco Analítico

### Principais Doenças Ocupacionais que afetam Professores do Ensino Superior

**Quadro 2 - Síntese das Patologias Ocupacionais Adicionais no Ensino Superior.**

<b>Patologia</b>	<b>Fatores de Risco e Etiologia</b>	<b>Manifestações Clínicas e Sintomatologia</b>	<b>Estratégias de Prevenção e Tratamento</b>
Síndrome de Burnout	Estresse crônico, alta demanda emocional, acúmulo de funções (aulas, correção, reuniões), falta de suporte administrativo e conflito entre vida pessoal e profissional.	Exaustão emocional, fadiga mental e física, ansiedade, irritabilidade, atitude negativa/distanciamento dos alunos e perda de interesse laboral.	Prevenção institucional (melhoria do clima e dos recursos); individual (técnicas de relaxamento, separação entre trabalho e lazer e suporte médico/psicológico).
Síndrome do Túnel do Carpo	Movimentos repetitivos de punho e mão, posição estática prolongada ao escrever na lousa e estagnação sanguínea por carga intensiva.	Dor no pulso e nos dedos, dormência (exceto no mínimo), queimação noturna, perda de sensibilidade e fraqueza muscular (atrofia do polegar em casos graves).	Pausas para alongamento, correção ergonômica da postura e tratamento clínico (fisioterapia ou medicamentos anti-inflamatórios).

<b>Patologia</b>	<b>Fatores de Risco e Etiologia</b>	<b>Manifestações Clínicas e Sintomatologia</b>	<b>Estratégias de Prevenção e Tratamento</b>
Síndrome do Manguito Rotador	Uso excessivo crônico da articulação do ombro, movimentos repetitivos com braços elevados (escrita em lousas altas) e degeneração tendínea por idade (>40 anos).	Dor na face anterior do ombro com irradiação lateral, fraqueza funcional, dificuldade em movimentos de rotação e dor aguda ao deitar sobre o lado afetado.	Diagnóstico precoce (imagem), tratamento conservador (fisioterapia, esteroides, anti-inflamatórios) ou intervenção cirúrgica em rupturas completas.
Epicondylitis Lateral ("Cotovelo de Tenista")	Sobrecarga dos músculos extensores do antebraço e movimentos repetitivos de força ou extensão do cotovelo e do punho.	Dor localizada no epicôndilo lateral, que se estende ao antebraço e à mão; rigidez muscular e perda de força ao segurar objetos simples.	Repouso relativo, fisioterapia e, em casos de tendinose (degeneração de colágeno), protocolos de fortalecimento e correção de padrões de movimento.
Bursite	Pressão prolongada sobre as articulações, irritação mecânica constante dos sacos sinoviais e traumas diretos (quedas).	Inflamação e inchaço da bursa, dor aguda ao movimento por aumento do atrito articular e perda da função de "amortecimento" da articulação.	Fisioterapia para controle de movimento, alongamentos específicos, crioterapia (gelo) e tratamento de causas sistêmicas subjacentes.
Tendinitis (Supraespal)	Exercício intensivo do ombro, manutenção do braço elevado para escrita ou transporte de cargas pesadas (livros/materiais).	Dor aguda ao elevar o braço, inchaço articular localizado e hiperemia (vermelhidão). Resposta inflamatória com liberação de prostaglandinas.	Uso de anti-inflamatórios (não esteroides ou hormonais), fisioterapia (elektroforese/magnetoterapia) e reabilitação funcional progressiva.
Rinite e Sinusite Ocupacional	Exposição a agentes alérgicos, poeira (giz), variações bruscas de temperatura, ar seco e contágio viral no ambiente escolar.	Congestão nasal, rinorreia (coriza), cefaleia frontal, espirros, pressão facial nos seios da face e possíveis quadros de intoxicação ou intoxicação química.	Controle ambiental (limpeza e ventilação), uso de umidificadores, tratamento de infecções de base e evitar o uso indiscriminado de descongestionantes.
Faringite Crônica	Infecções virais/bacterianas, alérgenos, refluxo gastroesofágico e, principalmente, o uso excessivo ou inadequado da voz no magistério.	Desconforto e secura na garganta, dor ao engolir, tosse superficial (sensação de muco), fadiga e ligeiro aumento dos gânglios cervicais.	Eliminação de agentes irritantes, hidratação abundante, umidificação do ar, repouso vocal e uso de nebulizadores.

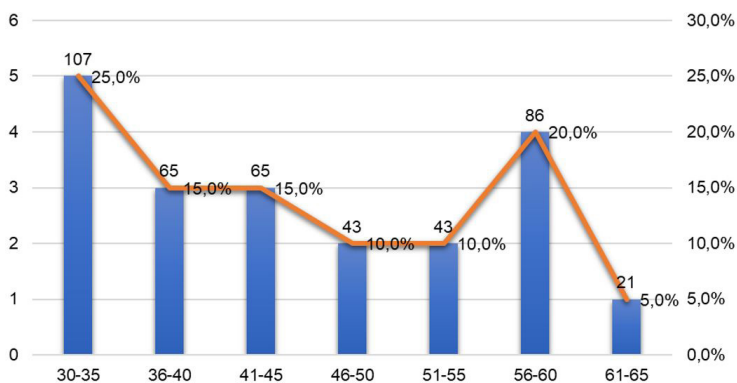
<b>Patologia</b>	<b>Fatores de Risco e Etiologia</b>	<b>Manifestações Clínicas e Sintomatologia</b>	<b>Estratégias de Prevenção e Tratamento</b>
Lombalgia	Postura estática prolongada (em pé ou sentado), transporte de cargas (livros/materiais) e movimentos repetitivos de flexão da coluna.	Dor na região lombossacral, sensação de peso ou pontadas, que aumentam com a carga e diminuem com o repouso em posição confortável.	Fisioterapia, exercícios terapêuticos de fortalecimento e correção postural (ergonomia no ambiente laboral).
Pólipos e Nódulos Vocais	Sobrecarga severa do aparelho vocal (gritos e esforço para ser ouvido), tabagismo e irritação crônica das cordas vocais.	Rouquidão persistente, descontinuidade da voz e sensação de corpo estranho na garganta.	Repouso vocal, terapia fonoaudiológica para controle da voz e, em casos resistentes, microcirurgia endolaríngea.
Neoplasias (Câncer)	Fatores genéticos, ambientais (exposição a químicos), vírus (HPV/HIV) e o estresse constante que fragiliza o sistema imunológico.	Variável conforme o local: perda de peso inexplicada, anemia, alterações intestinais persistentes ou feridas que não cicatrizam.	Rastreamento periódico, biópsia para confirmação, intervenções cirúrgicas, quimioterapia ou cuidados paliativos em casos avançados.
Depressão	Estresse crônico decorrente da síndrome de Burnout, traumas psicológicos, alterações hormonais e fatores hereditários.	Apatia, perda de interesse, baixa autoestima, alterações de sono/apetite, isolamento social e pensamentos pessimistas.	Acompanhamento médico e psicológico, reavaliação da carga de trabalho, atividade física e, se necessário, psicofarmacologia.

Fonte: Elaborado pela autora.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Caracterização Sociodemográfica e Perfil Profissional dos Docentes

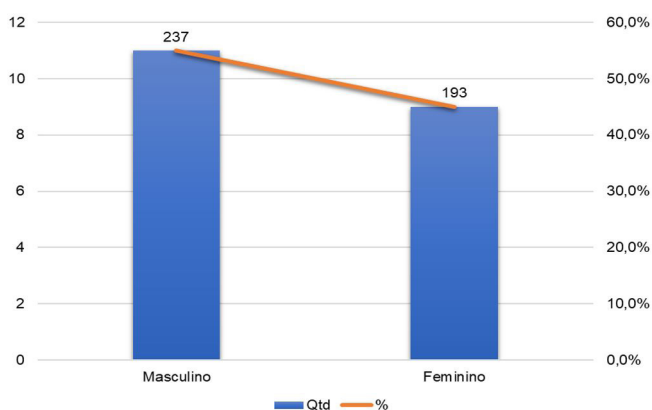
A coleta de dados fundamentou-se no envio de 73 questionários, aplicados em um período de intensa carga administrativa para os docentes, marcado pelo encerramento de ciclos avaliativos. Observa-se que a categoria tem sido impactada, nas últimas três décadas, por transformações sociodemográficas globais, com destaque para o envelhecimento populacional e seus reflexos diretos na saúde ocupacional. Diante desse cenário de transição, torna-se imperativo investigar como a maturidade biológica dos profissionais interage com as exigências do ambiente acadêmico atual. Assim, a análise inicial buscou identificar a faixa etária dos entrevistados, servindo como base para compreender o perfil de vulnerabilidade ou resiliência desse grupo frente às patologias típicas do exercício do magistério superior.

**Figura 1 - Faixa etária dos entrevistados.**

Fonte: Elaborada pela autora.

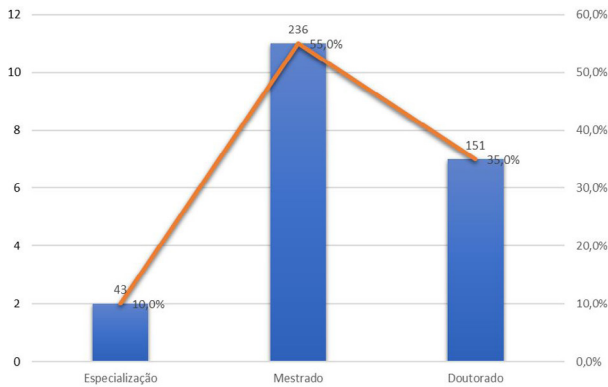
A análise dos dados revela uma polarização etária significativa, em que um quarto dos docentes possui entre 30 e 35 anos, enquanto outros 25,0% já se situam na faixa de 56 a 65 anos, evidenciando o avanço do envelhecimento populacional no magistério. Esse prolongamento da vida laboral é intensificado pela precarização do sistema previdenciário brasileiro, que compele o trabalhador a permanecer na ativa por mais tempo, mesmo diante da perda do dividendo demográfico nacional.

Ao correlacionarmos esses fatores com o sexo dos entrevistados, percebeu-se que, embora a população brasileira tenha proporcionalmente mais pessoas do sexo feminino do que masculino, a maioria das que responderam ao questionário é do sexo masculino (55,0%), conforme demonstrado na Figura 2.

**Figura 2 – Sexo dos entrevistados.**

Fonte: Elaborada pela autora.

Os professores entrevistados tendem a almejar essa evolução acadêmica, como forma de mantê-los competitivos, uma vez que 55,0% deles têm mestrado e 35,0% possuem doutorado (Figura 3).

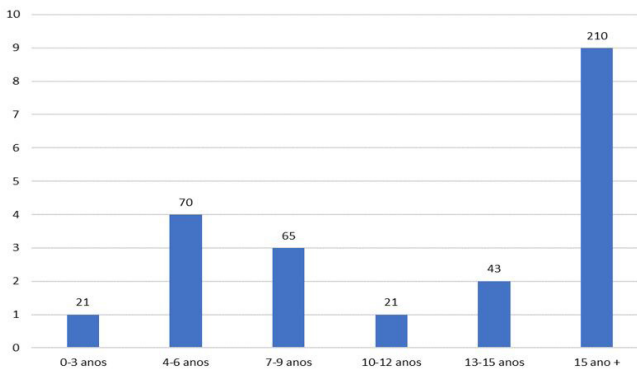
**Figura 3 – Grau de escolaridade dos entrevistados.**

**Fonte: Elaborado pela autora.**

Pelo fato de que 80% dos entrevistados são professores de universidade pública, esses dados são extremamente importantes para o status quo do Ensino Superior brasileiro e nos fazem pensar nas perspectivas.

“Apesar do arcabouço regulatório existente, persistem lacunas institucionais que demandam aprimoramento jurídico e operacional para assegurar a proteção social” (Paiva, 2016, p. 142). Soma-se a isso a fragilidade na gestão de capital e o risco de déficit previdenciário no funcionalismo público, agravados por falhas no planejamento de receitas e despesas. Simultaneamente, a insuficiência na formação de talentos e a baixa remuneração geram um descompasso entre oferta e demanda qualificada. Esse cenário, potencializado pela evasão escolar, relega parte expressiva dos profissionais a funções desgastantes, evidenciando a carência de uma preparação estrutural para os desafios demográficos.

Esses fatores são refletidos no tempo de atuação docente dos entrevistados, em que se identificou que 45,0 % dos entrevistados têm mais de 15 anos de atividades laborais na área da Educação e, se avaliarmos os que têm mais de 10 anos, esse percentual alcança 60,0% (Figura 4).

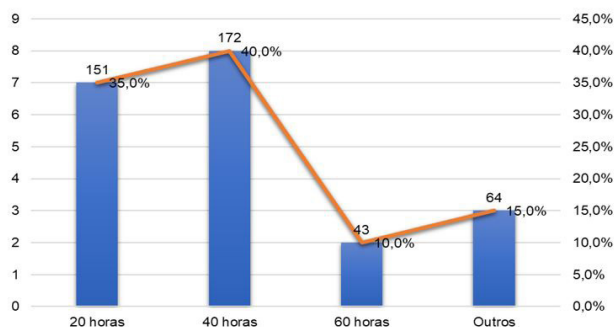
**Figura 4 – Tempo de experiência dos entrevistados.**

**Fonte: Elaborada pela autora.**

A valorização da expertise docente e das instituições de ensino superior será crescente em uma sociedade onde o capital intelectual supera os recursos materiais como motor de desenvolvimento. Com o avanço tecnológico e a inovação constante, o mercado de trabalho exigirá profissionais cada vez mais qualificados e especializados (Teixeira; Paiva; Soares, 2019). Nesse contexto, a experiência acadêmica torna-se o principal ativo para a competitividade econômica e o progresso social. Assim, o papel do professor consolida-se como essencial na mediação e produção do conhecimento estratégico. Essa centralidade do saber exige, em contrapartida, políticas que assegurem a sustentabilidade da carreira e a saúde desses profissionais.

Porém, não se pode esquecer de outros fatores que influenciam o ambiente de trabalho do professor do Ensino Superior – a carga horária de trabalho, que constitui um dos fatores de adoecimento de professores do Ensino Superior (Figura 5).

**Figura 5 – Carga horária de trabalho semanal dos entrevistados.**



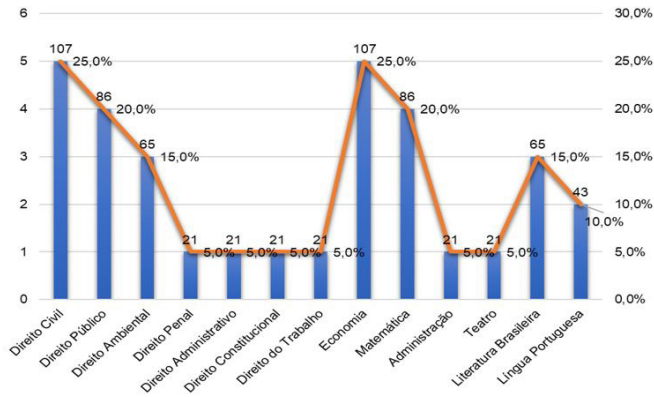
**Fonte: Elaborado pela autora.**

Os dados da Figura 5 ratificam a sobrecarga laboral, revelando que 40,0% dos docentes cumprem jornada semanal de 40 horas. Esse regime, embora nominalmente ocupe um terço do dia, é agravado por deslocamentos e atividades extraclasse, como pesquisa e planejamento, o que reduz drasticamente o tempo destinado ao convívio familiar e à qualificação profissional.

Adicionalmente, a regência de múltiplas disciplinas, realidade para 323 dos professores investigados, atua como fator de desgaste físico e emocional. Essa multiplicidade de conteúdos, concentrada especialmente nas áreas de Direito, Letras e Exatas (Figura 6), amplia as exigências psíquicas e compromete a saúde integral do docente frente às demandas acadêmicas.

Nota: Por lecionarem mais de uma disciplina, utilizou-se o número de entrevistados (430) como divisor e a quantidade de disciplinas como dividendo.

**Figura 6 – Carga horária de trabalho semanal dos entrevistados.**

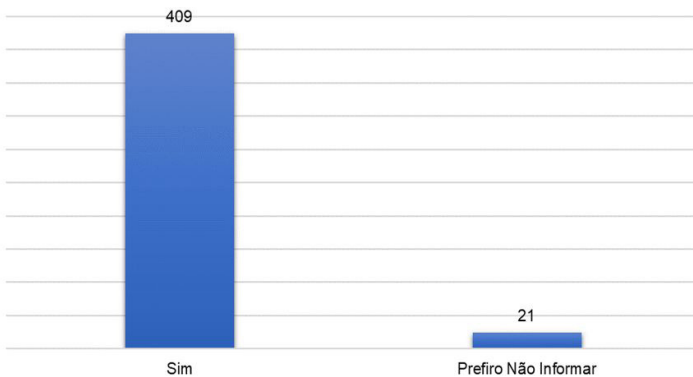


**Fonte: Elaborado pela autora.**

Embora a popularização do acesso tenha avançado, o aumento de custos e a democratização incompleta exigem uma revisão da missão institucional, que deve conciliar a qualidade acadêmica com o bem-estar e as condições laborais dos docentes.

A pesquisa revela que a maioria dos docentes atua na graduação (65,0%), com parcela significativa na especialização e no mestrado, predominantemente sob vínculos efetivos (75,0%). Essa estabilidade contrasta com déficits infraestruturais, já que uma parcela dos entrevistados aponta carências em mobiliário e instrumentos de trabalho (Figura 7). Tais fatores demonstram que, além do vínculo empregatício, a qualidade física do ambiente laboral é determinante para a saúde ocupacional e a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

**Figura 7 – Sobre os entrevistados terem boas condições físicas de trabalho.**

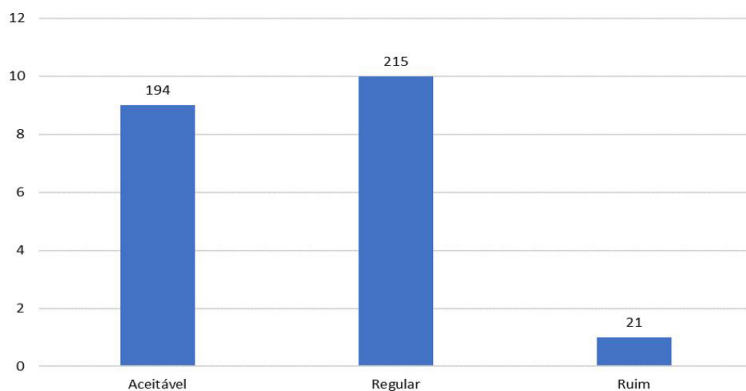


**Fonte: Elaborado pela autora.**

Sabe-se que uma das fontes de estresse de professores refere-se ao ruído que, em demasia, mina o sistema nervoso do professor, forçando-o a ter que exigir

mais de sua voz para tornar as aulas mais eficazes. Assim sendo, perguntou-se aos entrevistados: Quanto ao nível de ruído, como você classificaria o seu ambiente de trabalho? Obtém-se como resposta o exposto na Figura 8.

**Figura 8 – Sobre os níveis de ruído no ambiente de trabalho.**



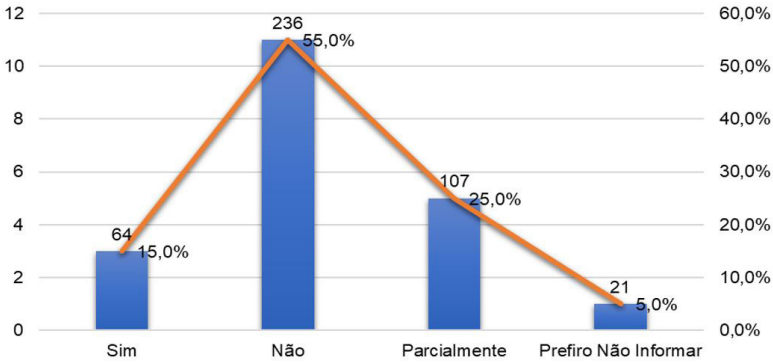
**Fonte: Elaborado pela autora.**

As condições acústicas e térmicas nas instituições de ensino brasileiras impactam diretamente a eficácia pedagógica e a saúde do professor. O ruído excessivo obriga à elevação da voz, resultando em danos vocais severos, enquanto o microclima escolar (Aliante; Abacar, 2018) — especialmente em regiões de climas extremos como a Amazônia — exige ventilação adequada e controle de temperatura (20°C a 22°C) para garantir o conforto térmico e a higiene ambiental. A manutenção desses padrões é essencial não apenas para o desempenho acadêmico, mas para mitigar o afastamento laboral decorrente de patologias respiratórias e auditivas intensificadas pela precariedade estrutural.

Somados aos desafios físicos, a intensificação do trabalho mediado por tecnologias e a pressão por produtividade elevaram drasticamente os índices de esgotamento mental. O uso prolongado de dispositivos digitais e as reformas educacionais constantes desencadearam novas doenças ocupacionais, como a síndrome do túnel do carpo e distúrbios visuais (Carvalho *et al.*, 2020), levando cerca de 80% dos docentes a enfrentarem altos níveis de estresse. Esse cenário de degradação da saúde mental e ergonômica no ensino superior exige intervenções institucionais imediatas para prevenir o colapso do sistema e preservar a integridade dos profissionais.

Assim sendo, outro fator investigado relacionou-se à contribuição dos aspectos ergonômicos para o estresse de profissionais da educação superior, embora 55,0% dos entrevistados dissessem que a ergonomia não influencia; para 172 dos entrevistados (40,0%), sim, o ambiente ergonômico de sua sala de aula contribui para o estresse ocupacional (Figura 9).

**Figura 9 – Percepção dos entrevistados sobre as influências dos aspectos ergonômicos no estresse laboral.**

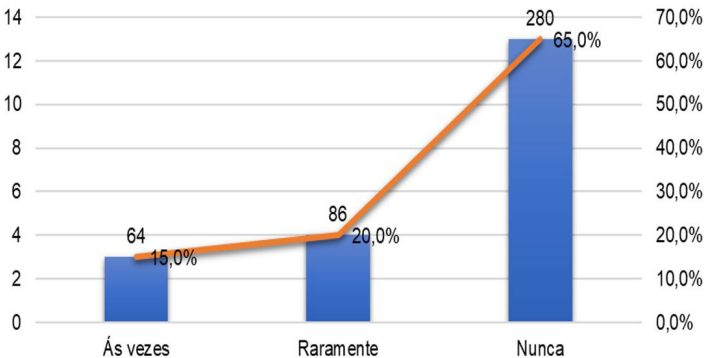


**Fonte: Elaborado pela autora.**

Os resultados da pesquisa demonstram que a digitalização forçada e a sobrecarga no sistema de Ensino a Distância (EAD) tornaram o trabalho docente significativamente mais extenuante para 90% dos profissionais, com 28% apresentando sinais de Síndrome de Burnout. Esse cenário é agravado pelo aumento da jornada semanal — de seis a oito horas extras não remuneradas para 80% da categoria — e pela gestão de turmas superlotadas, que elevam o desgaste mental e o risco de distúrbios musculares, visuais e de insônia. Somados à falta de suporte tecnológico e a sentimentos de desvalorização em 45% dos entrevistados, esses fatores consolidam um quadro de alta vulnerabilidade para transtornos de ansiedade e esgotamento profissional crônico.

Embora os fatores relacionados anteriormente e relacionados aos dados coletados junto a professores do Ensino Médio há dois anos, sobre a temática em tela, percebe-se um menor nível de adoecimento de professores do Ensino Superior, uma vez que 35,0% deles responderam que às vezes ou raramente (20,0%) adoeceram, como pode ser visualizado na Figura 10.

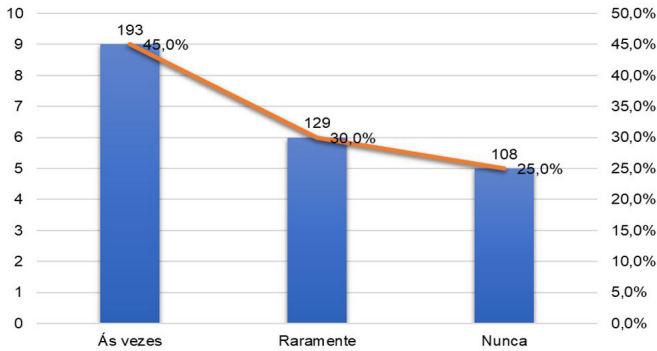
**Figura 10 – Frequência que os entrevistados adoecem.**



**Fonte: Elaborado pela autora.**

O profissionalismo docente é evidenciado pelo fato de 75% dos entrevistados relatarem ter trabalhado mesmo em condições de enfermidade para garantir a continuidade acadêmica. Diferentemente da educação básica, a ausência de substitutos no ensino superior compele o professor a manter atividades e correções, priorizando o cronograma institucional em detrimento da própria recuperação física.

**Figura 11 – Identificação se os entrevistados já trabalharam doentes.**

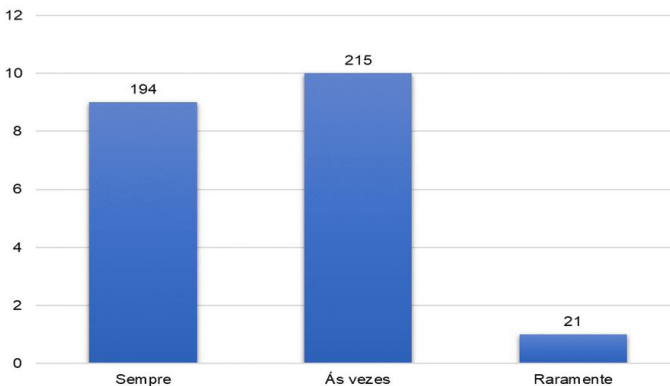


**Fonte: Elaborado pela autora.**

O lazer é um elemento vital para o bem-estar biopsicossocial, atuando como contraponto essencial à pressão acadêmica (Tostes *et al.*, 2018). Sob a ótica aristotélica, sua plena fruição é indissociável do conhecimento e da educação, permitindo escolhas livres e a restauração da saúde mental.

Assim, buscou identificar a frequência com que os professores entrevistados repõem suas energias na forma de descanso e lazer (Figura 12).

**Figura 12 – Momentos de lazer e descanso dos entrevistados.**



**Fonte: Elaborado pela autora.**

Historicamente, a percepção do lazer evoluiu da reverência clássica à marginalização industrial, sendo hoje resgatada como eixo central do bem-estar e da saúde humana. Universidades de prestígio, como Oxford e Cambridge, consolidaram tradições de interação social e lazer financiado, compreendendo que o

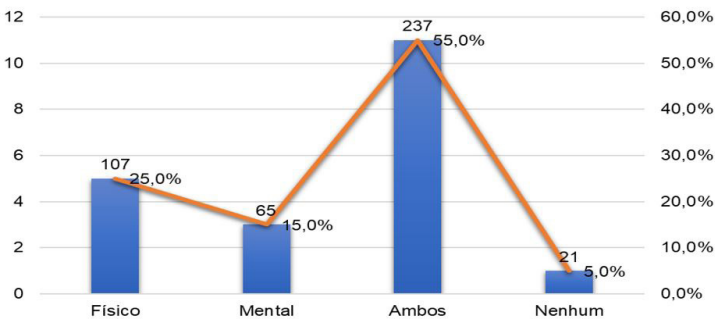
ambiente acadêmico depende da colisão de ideias em espaços descontraídos para florescer. Nessa perspectiva, o lazer transcende o ócio, configurando-se como uma condição essencial para a criatividade e a humanização do espírito universitário.

Apesar dessa importância teórica, a realidade docente é marcada por pressões que resultam em altos índices de esgotamento e aposentadorias precoces. Pesquisas indicam que cerca de um terço dos professores enfrenta risco iminente de burnout, enquanto outro quarto apresenta sobrecarga severa e desequilíbrio entre esforço e satisfação.

Neste cenário, a implementação de uma cultura de lazer saudável e de estratégias de enfrentamento ao estresse torna-se urgente. Assim, a implementação de uma cultura de lazer saudável e de estratégias de enfrentamento ao estresse é urgente para mitigar a vulnerabilidade mental e preservar a integridade física e psíquica dos profissionais da educação superior.

Isso se reflete também nas respostas dos entrevistados quando perguntados que tipo de cansaço sentiam, em que 95,0% admitiram sentir algum tipo de cansaço físico ou mental e 55,0% ressaltaram que sentiam ambos (Figura 13).

**Figura 13 – Tipos de cansaço relatado pelos entrevistados.**

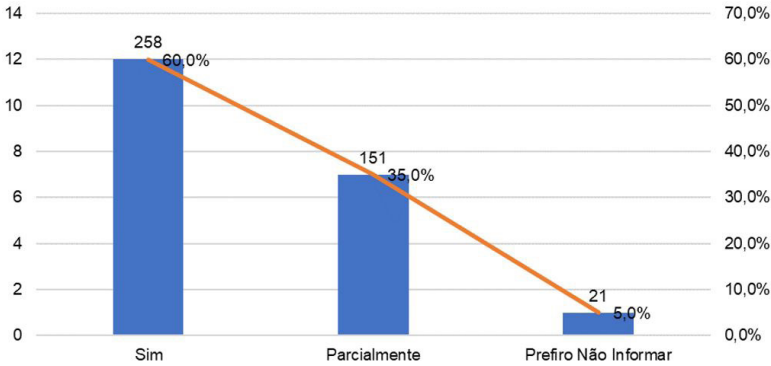


**Fonte: Elaborado pela autora.**

Para mitigar o estresse docente, manifestado em sintomas físicos, emocionais e comportamentais, o exercício físico e a gestão do tempo são essenciais. É crucial distinguir o Burnout (exaustão e baixa produtividade) da depressão, sendo o primeiro um precursor menos estigmatizado. O mal-estar docente é potencializado pela sobrecarga administrativa, turmas superlotadas, exigências tecnológicas e altos custos emocionais da mediação pedagógica. Como a saúde mental do professor é o principal instrumento de ensino e condição para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o uso de métodos de autorregulação e a intervenção institucional são urgentes para prevenir o absenteísmo e garantir a qualidade do ambiente de aprendizagem.

O ambiente de trabalho também contribui para o desenvolvimento de doenças físicas e psicológicas; assim, perguntou-se aos entrevistados: Você trabalha em um ambiente de trabalho saudável? Onde se obtiveram as seguintes respostas na Figura 14:

**Figura 14 - Percepção dos entrevistados sobre o ambiente de trabalho saudável.**



**Fonte: Elaborada pela Autora.**

Os dados evidenciam uma crise de bem-estar psicológico no ambiente acadêmico, com 35% dos docentes considerando seu local de trabalho apenas parcialmente saudável, sendo os profissionais mais experientes e diligentes paradoxalmente os mais vulneráveis ao esgotamento. Esse cenário é agravado pela carência de pesquisas focadas na saúde do educador e pela presença de fatores de risco como ergonomia precária, turmas superlotadas, baixos salários e falta de recursos pedagógicos. O acúmulo dessas demandas psicológicas e físicas compromete a performance acadêmica e resulta em um efeito em cascata de doenças psicossomáticas e insônia, ratificando a urgência de uma atenção institucional que priorize a integridade de quem ensina.

Especificamente, constatou-se que o pico de estresse ocorre entre profissionais com 11 a 15 anos de carreira e na faixa etária de 31 a 50 anos, superando os índices de colegas em início ou fim de carreira. Embora 366 professores afirmem ter plano de saúde (85,0%), os mesmos admitem que dificilmente procuram ajuda médica.

A profissão docente enfrenta um cenário de vulnerabilidade marcado por patologias ocupacionais severas, como a síndrome de Burnout, a despersonalização e doenças crônicas (hipertensão e diabetes), decorrentes do estresse acumulado e da pressão por desempenho. A complexidade do magistério, que exige competências técnicas e mediação psicopedagógica ativa, é frequentemente negligenciada em prol de metas institucionais, resultando em exaustão e negligência do próprio bem-estar físico e mental. Esse desgaste contínuo, potencializado por fatores ambientais e sobrecarga de funções, compromete a eficácia instrucional e a satisfação laboral, tornando a preservação da saúde docente uma necessidade estratégica e legal para garantir a sustentabilidade do sistema educacional e a qualidade do ensino superior.

## Resultado Geral da Pesquisa de Campo

Os achados desta pesquisa de campo revelam que o absenteísmo entre docentes de uma instituição pública de ensino superior em Manaus é multicausal, originando-se de adoecimentos emocionais, psíquicos e orgânicos diretamente relacionados a um meio ambiente laboral inadequado. O perfil da amostra aponta uma predominância masculina, alta qualificação acadêmica (90% de mestres e doutores) e maturidade profissional, com 45% dos docentes possuindo mais de quinze anos de experiência e jornadas de até 40 horas semanais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação conclui que o meio ambiente laboral dos docentes em Manaus carece de higiene, apresentando um cenário de degradação que compromete a saúde física e mental dos profissionais. Apesar de ser uma classe altamente qualificada, o silenciamento diante do mal-estar — impulsionado por sobrecarga, ruído e superlotação de salas — resulta em um paradoxo crítico: embora 65% afirmem nunca ter se afastado, 95% relatam cansaço crônico e 75% admitem trabalhar doentes. Juridicamente, observa-se a ineficácia do art. 200, VIII, da CF/88 e a ausência de reconhecimento das patologias docentes como doenças do trabalho, evidenciando uma omissão do Estado diante de sua responsabilidade objetiva pela saúde do servidor.

Diante do absenteísmo multifatorial e da prevalência alarmante de transtornos como a Síndrome de Burnout, ansiedade e LER/DORT, é urgente que o Poder Público reconheça o magistério como um grupo de risco ocupacional. A eficácia do sistema educacional e a construção de uma sociedade do conhecimento dependem da implementação de políticas preventivas eficazes, como monitoramento semestral de saúde e adaptações ergonômicas. Conclui-se que a preservação da dignidade humana e da saúde docente é o único caminho para evitar o colapso do ensino superior e garantir a sustentabilidade das futuras gerações.

## REFERÊNCIAS

ALIANTE, G.; ABACAR, M. M. As condições de ensino e o meio ambiente escolar em Moçambique e no Brasil: uma análise reflexiva. **Revista de Educação**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 145, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 15 de março de 2026.

CARVALHO, R. M. *et al.* **Saúde do professor e as novas tecnologias: impactos da precarização do trabalho docente**. In: Educação no Século XXI. Belo Horizonte: Poisson, 2020. v. 51, p. 14.

OLIVEIRA, Sienne Cunha de. **Responsabilidade estatal por danos ao meio ambiente do trabalho do professor: O ensino fundamental e médio na rede estadual de ensino na cidade de Manaus**. Dissertação de Mestrado em Direito. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus/Am, p. 96, 2016 Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/62-15.pdf>. Acesso em 15 jan. 2026.

PAIVA, J. S. **Legislação educacional e o trabalho docente: tensões entre a norma e a realidade**. São Paulo: Editora Acadêmica, p. 142, 2016.

TEIXEIRA, Luciana de Castro; PAIVA, Marco Antônio de Castro; SOARES, Ana Maria de Oliveira. O mal-estar docente e o adoecimento do professor no ensino superior. **Revista de Psicologia e Saúde, Campo Grande**, v. 11, n. 3, p. 11, dez. 2019. DOI: 10.20435/pssa.v11i3.812.

TOSTES, Maria Virgínia; ALBUQUERQUE, Aline de Souza; SILVA, Neusa Santos; PASSOS, João Paulo de. Sofrimento mental de professores do ensino superior público federal. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 26, n.116, p. 95-96, 2018. DOI: 10.12957/reuerj.2018.34844.

## RECOMENDAÇÃO

É imperativo que o Estado brasileiro implemente políticas de saúde ocupacional que garantam exames periódicos, ginástica laboral e suporte tecnológico, equiparando o investimento no capital humano docente ao das grandes corporações. Além disso, urge fortalecer o ordenamento jurídico para assegurar normas protetivas específicas e diagnósticos periciais precisos, rompendo o silêncio institucional sobre as patologias ocupacionais para efetivar o direito fundamental a um meio ambiente de trabalho hígido.